



Miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 6, número 3, Set.-Dez. 2017

O BRASILEIRO FRANKLIN JORGE E OS POETAS AFRICANOS



THE BRAZILIAN FRANKLIN JORGE AND THE AFRICAN POETS

Ciro Leandro Costa da FONSÊCA
Sebastião Marques CARDOSO

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 18/10/2017 • APROVADO EM 18/02/2018

Resumo

Este trabalho objetiva tecer um olhar sobre o processo de independência dos países africanos a partir da escrita do jornalista potiguar Franklin Jorge, tendo por base a matéria produzida para o Suplemento Literário do jornal “Minas Gerais”, publicada em 22 de Novembro de 1975, intitulada *POETAS ANGOLANOS*. Nesse texto, o escritor traça um diálogo com poetas angolanos ao longo do processo de independência dos países e da produção poética a partir desse contexto, alertando para o desconhecimento da literatura africana pelos brasileiros, mais especificamente da angolana. Aproveitaremos a oportunidade para, ainda, comentarmos criticamente os poemas selecionados pelo jornalista, na tentativa de melhor compreender a representação cultural e identitária dessas manifestações literárias no quadro da emancipação política dos países africanos, em especial de Angola.

Abstract

This article aims to engender a look at the process of independence of African countries from the perspective of the writings of Potiguar journalist Franklin Jorge, based on the material produced to the Literary Supplement of “Minas Gerais”, newspaper published on November 22, 1975, entitled ANGOLAN POETS. In that text, the writer traces a dialogue with Angolan poets throughout the process of independence of the countries and of poetic production from that context, warning about the ignorance of the African literature by Brazilians, more specifically of Angolan literature. We will take this opportunity to critically comment on selected poems by that journalist, to better understand cultural and identity representation of these literary manifestations in the framework of political emancipations of African countries, especially Angola.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e Política. Independência dos Países Africanos de Língua Portuguesa. Franklin Jorge. Poetas Angolanos.

KEYWORDS: Literature and Politics. Independence of African Portuguese-speaking Countries. Franklin Jorge. Angolan poets.

Texto integral

Os poetas africanos no jornalismo do escritor potiguar Franklin Jorge

O escritor brasileiro Franklin Jorge, natural da cidade de Natal, constrói em suas escrituras uma relação íntima com as culturas africana e afro-brasileira. Essa identidade está presente em obras como *O Livro dos Afiguraves* (2015) e *Ficções, Fricções e Africções* (1999), em que tece nas memórias de povos afrodescendentes o seu interesse pela cultura que atravessou o Atlântico Negro. Aqui, em terras brasileiras, a trajetória afrodescendente foi marcada pelos traumas históricos do tráfico negreiro, da escravidão e do preconceito racial e cultural, conforme Paul Giroy (2001) nos conduz a uma compreensão mais clara desse contexto histórico. O interesse de Franklin pela cultura e pela literatura africana está ancorado no convívio com narradores populares, poetas e outros agentes da cultura afrodescendente do seu Estado, Rio Grande do Norte, e pelo contato, por correspondências, com os poetas africanos no momento em que estes vivenciam o processo de emancipação política dos países africanos perante seus colonizadores.

Em matéria transcrita do Suplemento Literário do jornal “Minas Gerais”, publicada em 22 de Novembro de 1975, intitulada *POETAS ANGOLANOS*, o escritor aborda o desconhecimento e o preconceito cultivado com relação ao Continente Africano como uma herança vergonhosa deixada pelo Império e pelo tráfico de escravos, o que mais uma vez, à luz de Giroy (2001), reforça a constatação de que

as produções literárias e culturais dos povos negros estão indissociáveis dos traumas e dos conflitos gerados na diáspora. Esta, no entanto, é também o caldo fermentador da literatura e das manifestações culturais como laço com a terra deixada ou com a cultura colonizada. O jornalista e escritor Franklin Jorge (1975, p. 1) enfatiza que “Mesmo entre pessoas esclarecidas, como escritores e artistas, a África permanece misteriosa e desconhecida até os nossos dias, principalmente no que se refere à Literatura e à Arte”. Esse desconhecimento comentado pelo jornalista, numa época contemporânea à libertação dos países africanos de suas metrópoles, marca o grau de não apenas desconhecimento às coisas que se passam em África, mas também uma certa alienação dos brasileiros em relação à sua própria cultura, aos laços que a prendem sobretudo às culturas africanas. Nesse sentido, Franklin Jorge criticou inclusive a visão “orientalista” (SAID, 2007) dos brasileiros sobre a África, quando se reconhece da África apenas o que é considerado exótico na cultura e nos cultos religiosos. Nessa visão folclorista dos cultos africanos e afro-brasileiros, estes inscritos numa cultura híbrida – juntamente com as culturas indígena e lusitana –, permaneceram durante muito tempo desconhecidos e obscuros, como uma cultura à margem. Assim:

O preconceito que cultivamos em relação à África é um vergonhoso legado que o Império e o tráfico de escravos nos deixaram. Mesmo entre pessoas esclarecidas, como escritores e artistas, a África permanece misteriosa e desconhecida até os nossos dias, principalmente no que se refere à Literatura e à Arte. A verdade é que a maioria dos brasileiros cultos conhece a África no que ela tem de folclórico e tradicional. Mesmo seus cultos religiosos sincréticos permanecem desconhecidos ou envoltos em obscuridades (JORGE, 1975, p. 1).

Se os brasileiros desconheciam a cultura africana presente na cultura brasileira – formada historicamente sob o signo da mestiçagem e da miscigenação cultural e literária como pensou Sílvio Romero (1978), apesar das advertências críticas que temos por este crítico acerca da contribuição das gerações mestiças para a formação da nossa identidade nacional –, ainda maior será a dificuldade ou distância em relação à cultura dos países africanos na contemporaneidade. O escritor alegou comodismo e arrogância dos brasileiros diante da cultura africana, o que torna ainda maior o prejuízo no entendimento de nossa formação cultural e literária. Por outro lado, Franklin mostra a riqueza da geração de poetas angolanos, com os quais interagiu através de cartas. Na época da publicação desta matéria, o jornalista denuncia que essa “cultura do não-saber tem sido exclusivamente nossa, pelo menos é o que atesta a presente geração de poetas e prosadores angolanos” (1975, p 1). Esses poetas seguem na esteira de antecessores que também deram o seu testemunho tanto na vertente erudita quanto na popular. Esta última é significativa para a obra de Franklin quando trata dos sujeitos afrodescendentes que constituem o universo empírico de sua obra, e que foram transformados em personagens representativos de seu povo. Os poetas comprovam a fertilidade

cultural e literária de Angola, que, liberta do domínio de Portugal, construiu a própria tradição literária, como atestam seus poetas.

Poemas por uma Angola liberta

O escritor Franklin Jorge organizou sua matéria de jornal com o objetivo de divulgar uma pequena antologia de poetas angolanos, representativa do momento histórico vivido na Angola de 1975, que ele classificou “hodiernos”. Numa identidade comum, uns poetas nasceram em Angola, outros em Portugal, mas todos fermentados no caldo fertilizador da emancipação política e cultural dos países africanos, que historicamente deram por tempo demasiado sua contribuição, através da mão de obra escrava tanto para o Brasil como para o Império Português, trauma indissociável da elaboração das identidades negras no Ocidente segundo Paul Giroy (2001).

Franklin Jorge elencou, em nota na matéria, nomes brasileiros que buscaram enxergar o valor e a contribuição da literatura e cultura africanas, como Rubem Valentim nas artes plásticas; Leila Miccolis e Nelly Novaes Coelho na produção de ensaios e na difusão da literatura de matriz africana, como também Juju Campbell, que atuou na tradução de poetas africanos. Esta verteu para o português os poetas africanos e propiciou a divulgação do patrimônio cultural e artístico de um povo marcado pelo sofrimento, pela colonização e de sua luta pela independência.

Quanto aos poetas, o jornalista afirmou em nota escrita para a matéria que realizou uma escolha de caráter pessoal, cujos poemas foram organizados a partir de publicações que recebiam dos seus correspondentes de Portugal, dos Países Africanos de Língua Portuguesa e de Crioulo, que não se tratou de uma seleção ligada a outros contextos. Nesse sentido:

Através desta pequena e incompleta antologia tencionamos divulgar alguns poetas angolanos hodiernos. Alguns deles não nasceram em Angola; são portugueses de origem, mas defendem em seus escritos um ponto de vista favorável à emancipação e à autonomia desses países que contribuiram, por meio da mão de obra escrava, para a consolidação do Império português e do Brasil (JORGE, 1975, p. 1).

Um nome significativo desse grupo é o do poeta, jornalista e ensaísta português João Carneiro, na época em trânsito pela África e que faleceu em terras brasileiras. Muitos desses livros, dos quais os poemas foram retirados, Franklin Jorge doou a bibliotecas públicas ou presenteou amigos como mensagem de apoio à liberdade de expressão e de apoio à luta desses poetas. Também não apresentou nessa matéria biografia dos poetas escolhidos, registrando suas impressões sobre o complexo contexto histórico da poesia africana de resposta ao colonialismo.

Quanto aos poemas, o primeiro a ser apresentado foi *Canção Madura*, de Monteiro Santos:

CANÇÃO MADURA

[Por Monteiro dos Santos]

Esta canção de frutos
enrolados sobre o corpo
atravessa a boca
pelas rugas da manhã.
vem espancada
por dentro da carne
enegrecida sobre a terra
mas vem madura
como o rio do povo
(deságua)
Pelo ventre das cidades
em vagarosa liberdade.

Nesses versos da primeira estrofe, percebemos a força dos signos que tecem as imagens poéticas, como as “rugos da manhã” que atravessam a boca e “espancada/ por dentro da carne/ enegrecida sobre a terra”. As imagens nos remetem ao sofrimento colonial dos povos africanos, presente no ato do espancamento, este físico ou simbólico, dos povos massacrados pela colonização, de sua carne enegrecida, verbo adjetivado que conota um processo de construção de uma identidade negra. Nesse ponto, vale ressaltarmos que o adjetivo “enegrecida”, derivado do signo negro, não se relaciona ao viés depreciativo de outros usos da palavra, como, por exemplo, na expressão popular “lado negro da história”, fruto do discurso colonial. Negro, nesse poema, se reveste de uma representação ampla, de um povo que passou por um processo histórico de diáspora (migrações forçadas dentro do próprio Continente), de escravização que naquele momento lutava por sua libertação, numa produção de subjetividade, no seio da sobrevivência e resistência cultural, em resposta a uma luta desigual e incompleta.

Na esteira de Bhabha, o processo de libertação – enfocado nos poemas trazidos à luz no Brasil pelo texto jornalístico, de forte acento crítico, de Franklin Jorge – é recuperado, trazendo as fissuras e ambiguidades do momento histórico, permitindo-nos tomar consciência da produção elaborada nas diferenças culturais, com estratégias de subjetivação *sui generis*. Assim:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABA, 2010, p. 20).

O poema se apresenta como um signo de identidade, e o processo sobre o qual se espelha o pensamento de Bhabha no poema de Monteiro dos Santos – que se intitula como “Canção Madura”, fruto do processo de amadurecimento da subjetivação, da identidade –, na segunda estrofe, é simbolizado como rio do povo, numa significação de passagem do tempo e da história pelo movimento das águas: de um “rio do povo”, que deságua pelo “ventre das cidades/ em vagarosa liberdade”. Na conclusão do seu poema, a conquista da liberdade é rememorada como vagarosa, mas que finalmente invade o ventre das cidades, signo revestido pela vida que brota no interior da luta e da história.

Já em “Poema”, de Samuel de Souza, a madrugada desponta como o surgir de um novo tempo em seu país, Angola. Uma alvorada da história construída com “sangue lágrimas”, uma imagem poética que sintetiza uma história construída sob o signo do sofrimento, dos traumas, da diáspora, da escravidão e da colonização, inseparáveis das identidades negras do Ocidente (GIROY, 2001).

POEMA

[Por Samuel de Souza]

Na madrugada que
construímos
com sangue lágrimas
suores
com o teu corpo-sexo
com o teu corpo-trabalho
a certeza Angola
no apelo ancestral
físico
espiritual

No poema de Samuel de Souza, a imagem da nação angolana, construída na madrugada, no alvorecer de um novo tempo, com suores, signo que conota luta, resistência e esforço ao lado das significativas palavras sangue e lágrimas, é

elaborada no desejo de pertencimento a um país liberto. O poema faz um “apelo ancestral”, retoma vozes e memórias dos que lutaram ao longo da dominação colonial, remete a uma força de vontade de resistência e luta contra o colonialismo português. Dessa vontade intensa resulta a construção de uma identidade para o novo país. A força dessa intensidade se revela em “corpo-sexo”, em “corpo-trabalho”, numa atitude física de luta, como subjaz nos versos a luta física da guerra civil. Essa representação é também espiritual, entendendo o processo político como uma busca de uma imagem autêntica do povo e da ancestralidade face à presença dos colonizadores, num forte apelo de “tradução” (BHABHA, 2010) cultural da identidade.

A simbologia cósmica das águas também está presente no poema de Pires Laranjeiras. As águas do mar, tão atravessadas pela cultura africana, são fecundadas pelos barcos, no “jato da maré”. Essa fecundação, no contexto de libertação, tece a simbologia da vida relacionada à formação de um país por meio da reconfiguração identidade africana. Vejamos:

se o lugar existe
ainda é o cio que remete
ao mais surdo temor.
Os barcos fecundam
o jato da maré. Outras
formas
outras vozes.

O desejo de vida para os povos africanos se encontra expresso em fortes palavras desse campo semântico como “cio” e o ato de “fecundar”. É a força motriz da vida, do direito à existência e a uma identidade que foi negada ao grupo representado em sua poesia, devido, sobretudo, às violentas atribulações vivenciadas pelo país durante a dominação portuguesa. A fecundação tecida nos versos atinge outras formas e vozes, num clamor que vence ao “surdo temor”, o silêncio estéril e improdutivo dos que tiveram suas vozes caladas pela violência física ou moral. O poeta assume o poder de sua voz e fecunda outras vozes. Empresta sua voz e seu verso à história para que a luta pela independência não esmoreça.

O poema de Alberto de Oliveira se relaciona com o de Pires Laranjeira e o de Samuel de Souza ao representar o processo histórico de independência dos países africanos com a imagem de uma “nova madrugada” e com a fecundação da terra pelas sementes de uma luta a qual pertencem os poetas selecionados pelo jornalista e escritor Franklin Jorge. Vejamos:

DEBRUÇADO na terra
escreverás o poema

que sente o lavrador
aos sulcos ressequidos
lançarás as sementes
da nova madrugada.

O poema é escrito debruçado sobre a terra, como o faz o lavrador ao trabalhar a terra. Na imagem poética, a terra está marcada por sulcos ressequidos. No contexto histórico, a partir da experiência do poeta e de sua relação com a luta de emancipação dos países africanos, as sementes retomam a construção de um novo tempo, também carregado de sentido da imagem da “nova madrugada”. O poeta está debruçado na terra, ou seja, fincado na sua experiência de mundo. No período de libertação de Angola e dos outros países africanos, os poetas falam através de seus lugares-históricos, com os pés no chão de uma terra massacrada. A literatura se constituiu, então, como uma maneira de se relacionarem com a sociedade, a partir de suas vivências particulares e coletivas. Debruçado na terra, é lançado o poema-semente de uma nova madrugada, liberta e emancipada.

Como poetas marcados historicamente pelo mesmo ponto de vista, ou seja, a favor da libertação política africana, o poema “Fecundação”, de Virgílio Alberto Vieira, compartilha, ancorado na metáfora da terra e do trabalho na lavoura, a função social da poesia, intrínseca ao momento histórico pelo qual passam os países africanos:

FECUNDAÇÃO
só aqui me ensinaram
como ninguém
melhor que as enxadas
pode testemunhar
ao sol
a inocência da terra.

O ensinamento trazido pelo poema é de que as “enxadas”, metonímia dos indivíduos que trabalharam duramente na construção da nação angolana, contribuíram para além da formação econômica e social do país. Estes instrumentos agrícolas se constituem como autênticas testemunhas do processo de libertação e formação da identidade da nação. Novamente, o poema constrói uma interdiscursividade com os outros poemas citados na mesma reportagem, e a figura do “sol” dialoga com a madrugada e a alvorada trazidas pelos outros poetas como imagens de um novo tempo de identificação e de emancipação. É o sol a outra testemunha da “inocência da terra”, de uma terra cujo povo, desde os ancestrais, sofreu com a dominação e a colonização. Agora, por meio do seu patrimônio cultural, de suas narrativas, de sua produção poética (aqui

representada pelo cânone pessoal eleito pelo jornalista Franklin Jorge, através da troca de correspondências e de livros durante o período da independência dos países africanos), esse povo se manifesta.

Já o poema “Fábrica”, de David Mestre, relaciona a identidade do poeta com a realidade do seu povo por meio da ideia de trabalho:

FÁBRICA

[Por David Mestre]

Operários falam, contam-se

imensos

na madraçaria

fermento ao lume coado

da tarde

escorrem

iguais. A vida. De caras.

Os operários, rememorados no poema acima, retomam a batalha vivida coletivamente pela emancipação de Angola e, possivelmente, dos outros países irmãos, no contexto pela sobrevivência e de outras dificuldades. Sua voz-poética se irmana aos poetas do seu tempo, que evidenciaram a mão-de-obra escrava, pilar forte da formação econômica de Portugal e de outras metrópoles colonizadoras. A voz dos operários é apreendida pelo poeta. Estes operários “contam-se imensos”, numa representação que indica que muitos homens e mulheres contribuíram com a riqueza do império, mas que, agora, lutam pela emancipação do seu território. O trabalho – “fermento ao lume coado”: imagem poética que revela união, um laço crescente entre os operários– segue em direção ao lume coado, símbolo de iluminação, de construção de um novo país. Os operários “da tarde/escorrem iguais”, unidos numa mesma causa. São operários os trabalhadores e os poetas que comungam do mesmo ideal. A fábrica transcende o seu sentido e faz alusão não apenas ao ambiente pesado de trabalho dos operários, mas à nova nação que se constrói com trabalho contínuo. Ao contrário do império construído pela força de trabalho servil dos colonizados, pela mão de obra escravizada e dominada. É nesse ponto que os operários “escorrem iguais”, numa comum identidade, de vida, de caras. A tarde como metáfora da passagem do tempo no poema, tempo simbólico e histórico que anuncia o seu fim, o fim da submissão dos operários que enriqueceram o império português e que, agora, sob um novo lume devem trabalhar para a formação de um país emancipado, para a identidade de uma nova nação. É importante ressaltar que essa geração de poetas da independência é otimista em relação à nova nação africana, pois é, na maioria das vezes, eufórica e ultranacionalista. Esse sentimento irá mudar radicalmente nas gerações seguintes de escritores, quando estes últimos constatam que as elites nacionais frustraram os anseios de a nação africana em corrigir os desmandos políticos e as desigualdades sociais.

O poema de Tomás Jorge conclui a nossa compreensão sobre esse específico momento da poesia angolana:

Conceito humano
o drama do ser e do amor
amar gostando
gostar que gostem de nós
gostar dos outros
é gostar também
mais de nós
satisfação de sossego
e consciência.

Os versos desse poema conceituam o drama humano da dominação colonial, marcada pelos dramas do tráfico, da escravidão, do preconceito racial, da inferiorização da cultura e da religiosidade africanas por parte do europeu. O momento é de superação dos traumas e dramas vividos e de elaboração da nova identidade. Essa identidade se constrói no ato de “gostar que gostem de nós/gostar dos outros/ é gostar também/ mais de nós”. O ato de gostar que gostem de nós é uma atitude que conclama os povos africanos, juntamente com os escritores e poetas a se afirmarem diante do mundo, de seus colonizadores, de se agruparem em identidade como um “nós” no sentido de um grupo sólido que luta por reconhecimento. Gostar dos outros e também mais de nós, da cultura resiliente, que resistiu à dominação, é para o poeta o despertar do sentimento de pertença ao seu país e ao povo africano. Esse amor no sentido de um laço coletivo, de identificação com a própria cultura de Angola e do continente africano, suas vozes, narrativas, manifestações culturais diversas, sem a dependência e aceitação passiva da cultura que veio do colonizador.

Na poesia angolana selecionada por Franklin Jorge, nós compreendemos que se tece uma poética da emancipação dos países africanos com destaque para a terra-mãe dos poetas de Angola. São versos situados historicamente na fase da libertação da África e, justamente por isso, mostram muito bem o engajamento dos poetas africanos, bem com a sua recepção no Brasil, através de Franklin Jorge. Os poemas, recortados pelo jornalista e escritor do Rio Grande do Norte, constituem um testemunho da História por meio da literatura. Esses poemas trazem, em primeira mão, a vocação política e literária das nações africanas no momento em que elas surgem. Além disso, esses poemas também contam sob a perspectiva dos próprios africanos acontecimentos e traumas do passado da colonização, com vistas na superação psicológica do passado e na implantação de uma nação representada por si mesmos.

Conclusão

Os poetas selecionados por Franklin Jorge teceram, através dos versos, um vínculo com a causa da emancipação dos países africanos, principalmente no contexto de Angola. Uns poetas são nascidos em Angola, outros em Portugal, mas todos elaboraram uma identidade com a causa da emancipação. Sua poesia é fruto dessa vivência e experiência de vida e de mundo. Os poemas denunciaram as condições da colônia num período complexo de luta. A poesia pode ser vista como testemunha de um tempo, de uma luta. Essa produção contribuiu para a elaboração das consciências diante da histórica dominação colonial, que deixou suas marcas na identidade dos povos africanos. Em outras palavras, são versos elaborados em resposta à dominação europeia, mas também voltados ao plano da denúncia e à conscientização política entre os africanos, num ato de reivindicação da emancipação dos colonizados. São versos de um novo projeto estético, com vistas na construção de uma identidade nacional e cultural que contribuam com a independência. Os poetas apresentam um compromisso estético e político, estimulado pela relação dialógica com o momento vivido, com as suas circunstâncias, com o lugar e com a comunidade.

Ao trazer à tona essa antologia particular no o Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais*, no ano de 1975, o jornalista Franklin Jorge colaborou com a divulgação no Brasil desses poetas angolanos de nascimento ou angolanos pela causa que defenderam. Analisamos os poemas como vozes da história e testemunhas de um movimento de ruptura e resistência cultural. A matéria em estudo rememorada neste trabalho registra os nomes e as marcas dos poetas, pontos onde se ancoram a identidade em construção soberana de uma comunidade, a luta contra o imperialismo e o colonialismo modernos, tão atual nas tramas da História. Além disso, Franklin Jorge enfatiza o seu compromisso com a cultura africana, tão significativa em suas obras pelo diálogo com a cultura afro-brasileira, seus narradores, poetas populares e artistas.

A matéria publicada em 1975 por Franklin Jorge objetivou apresentar aos brasileiros uma África historicamente desconhecida, mas em ebulição na política, na história, na cultura e na literatura. Assim, além de combater o vergonhoso preconceito que não só os brasileiros, mas muitos outros povos de diferentes nacionalidades possuem com relação a esse continente, pela imagem “orientalista” (SAID, 2007) que lhe foi apresentada, a divulgação do trabalho dos poetas em África, sua obra e sua causa, aproximando-os, assim, da realidade cultural brasileira, constituiu num ato de interesse de Franklin Jorge por África na mesma medida em que denuncia, no Brasil, o inusitado silenciamento dos laços culturais entre África e Brasil, que caracterizam secularmente a sociedade brasileira.

Referências

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CANDIDO, Antonio. *Sélvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- JORGE, Franklin. POETAS ANGOLANOS. Suplemento Literário do jornal *Minas Gerais*. Belo Horizonte, 22 de Novembro de 1975.

_____. *O Livro dos Afiguraves*: folhetim de Bom Jesus da Serra de Luís Gomes. Natal: Feedback, 2015.

_____. *Ficções Fricções Africções*. Prêmio Luis da Câmara Cascudo/Prefeitura do Natal, 1998. Florianópolis: Mares do Sul, 1999.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro*: modernidade e dupla consciência. Tradução do inglês por Cid Knipel Moreira. São Paulo: 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Para citar este artigo

FONSÊCA, Ciro Leandro Costa da; CARDOSO, Sebastião Marques. O brasileiro Franklin Jorge e os poetas africanos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 6, n. 3, p. 286-297, set.-dez. 2017.

O autor

Ciro Leandro Costa da Fonsêca é bolsista da Capes e doutorando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Sebastião Marques Cardoso é doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP), atualmente professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Departamento de Línguas Estrangeiras.